

Verdes Mares Bravios

Marilena Soneghet

- Mãe, corre, vem ver: o mar enlouqueceu! (Meu filho chegara em casa agitadíssimo, atropelando as palavras).

Fui! Num triz! Era um fim de tarde, na enseada da noite. Eu pressentia que me esperava viver um desses momentos eternos. Uma curiosidade ansiosa, aligeirou-me as pernas, e estas, as rodas da bicicleta que, como uma girândola, chispava brilhos no lusco fusco do entardecer.

A praia... que praia? ... havia desaparecido! Ondas gigantescas vinham rolando desde o grande mar, cobriam as areias, elevavam-se ameaçadoras, estrondeavam bem perto das castanheiras enquanto a longa renda de espuma se espalhava, invadindo a rua.

Aproveitando o recuo da onda, com água acima dos joelhos atravessei afoitamente o espaço até a pedreira e subi o morro para admirar do alto o espetáculo da dança frenética dos ventos e das águas - enlouquecidas, sim, como dissera meu filho. Ondas cada vez maiores pareciam querer engolir tudo antes de se precipitarem sobre as rochas, curvando-se umas sobre as outras, sovando

a pedreira sem tréguas. A crista, com sua cabeleira de prata, cristalizava-se por um átimo e desabava rugindo. Toda molhada, eu tremia!

Meu coração era um torvelinho de emoções onde batucava descompassado um tarol de vacilante coragem e uma cuíca de medo. A ventania literalmente me arrasava, empurrava, sacudia; precisei agarrar-me com força no corrimão que acompanha a escada de pedra que sobe o Morro da Concha - outras pessoas já haviam sido tragadas pelo mar em condições semelhantes. Maior o perigo, maior a atração. Eu me sentia hipnotizada pela beleza da natureza em fúria. Até minha alma se debatia como uma gaivota apanhada na gangorra dos ventos.

Estimulada pela epinefrina (C₉H₁₃O₃N, ou seja, adrenalina metida a besta) eu precisava gritar. Gritei! Inspiradíssima, improvisei poemas - (aos berros, para sobrepôr minha voz ao estrugir das ondas), até que, esgotada, submissa e fascinada, silencieei. Entre as forças que bramiam, minha alma silenciou - em profundo estado contemplativo, apenas a observar - quase em transe - o embate de forças símile e contrárias. O mundo parecia estar sendo recriado sob meu olhar - como se ante mim se abrisse o livro das origens - do caos ao gênesis.

Sempre que as pessoas narram suas emoções ante a imensidão cósmica, ou a pujança dos elementos, noto um ponto comum - é do quanto se veem pequeninas ante as forças do universo. Comigo passou-se o inverso; sentia-me poderosa, imensa! Sentia-me parte daquele mundo de energias que se entrechocavam. Eu... como a ando-

rinha que se equilibrava no páu-de-pita, como o urubu que planava indiferente, bem alto no azul, como o rolo de nuvens escuras que se formavam, éramos parte daquele grandioso cosmos.

De onde provinha essa energia que a tudo impulsionava, devastava, recriava? De um deus encolerizado, como pensavam os antigos, da revolta da natureza ao se sentir tão agredida pelo homem que devia ser, antes de tudo, ser seu parceiro? Ou provinha, simplesmente, das acomodações naturais à constante evolução?

Sem respostas, restava-me contemplar; calar; sentir. Sentir o vento que quase me obrigava a voar, os respingos salgados a temperar-me a pele, a umidade da pedra escorregadia sob meus pés, a beleza daquele momento indescritível (que eu tento em vão descrever...). Senti-me imensa, sim; participe da cosmogonia universal. Em mim, como em uma folha ou num ínfimo grão de areia, concentrava-se um complexo e perfeito universo. Eu era o todo.

Eu era filha do Rei.